

VIOLÊNCIA SEXUAL, LITERATURA E VIVÊNCIA: NUNCA DEIXEI DE SER EVA!

SEXUAL VIOLENCE, LITERATURE AND EXPERIENCE: I NEVER STOP BEING EVA!

Maria Fernanda Pires¹
Renato Bernardi²

Resumo: diante dos mais variados modos de violência exercida perante as mulheres, o presente relato tem como objetivo mostrar as vivências e constatações que uma pesquisadora das relações de opressão diante da intersecção entre Direito e Literatura pode afirmar. Desde os simples estereótipos de “transgressora” ou “anjo do lar” até os mais variados tipos de violência que os corpos femininos estão sujeitos. Pensar em direitos da mulher é pensar em obras denunciativas e principalmente na voz feminina.

Palavras-chave: mulher; direito; literatura.

Abstract: faced with the most varied modes of violence against women, the present report aims to show the experiences and findings that a researcher of oppression relations in the face of the intersection between Law and Literature can affirm. From the simple stereotypes of “transgressor” or “angel of the home” to the most varied types of violence that female bodies are subjected to. To think about women’s rights is to think about denouncing works and especially about the female voice.

Keywords: women; right; literature.

A relação de dominação sempre esteve estruturada desde os mais remotos tempos. A mulher foi considerada Eva, seja nas relações matrimoniais, na conquista por direitos ou no simples fato de ser reconhecida como um indivíduo detentor de dignidade, pois é aquela transgressora ao reivindicar direitos ou denunciar abusos. A figura de Eva permaneceu como a única culpada por suas atrocidades. Na atualidade, quando ocorrem atos de violência o estigma de provocadora ainda permanece.

Desde pequena, a mulher sente a pressão das relações de gênero. No entanto, graças às lutas do movimento feminista e a Constituição de 1988 brasileira – tivemos um grande avanço normativo com a igualdade no artigo 5º da letra maior, porém, ainda conseguimos evidenciar frustrações no plano concreto; desprestígio, violência doméstica, sexual, psicológica e a lista não para de crescer.

Por meio da pesquisa acadêmica, com a atuação na Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) financiada pela Instituição Araucária na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), com a seguinte linha de abordagem “O Estado se omite, a Literatura fala: a

¹ Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiada pela Fundação Araucária e membro do grupo de pesquisa “A intervenção do Estado na vida das pessoas” (INTERVEPES).

² Doutor em Direito do Estado (sub-área Tributário) PUC-SP. Professor efetivo dos cursos de Bacharelado, Mestrado e Doutorado e Membro da Comissão de Coordenação do Programa de Mestrado em Ciências Jurídicas, todos pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Orientador da Bolsista Maria Fernanda Pires.

afirmação dos direitos da mulher numa perspectiva multidisciplinar” pude vivenciar leituras que mostram de maneira clara as mais variadas formas de violência que mulheres, como eu, estão à mercê de serem vítimas.

Como objeto de estudo gostaria de destacar o livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, da autora Conceição Evaristo a partir do conto “Shirley Paixão” que narra a história de uma mãe que tentou fazer justiça com as próprias mãos ao ver seu esposo tentando violentar uma de suas filhas, de apenas 12 anos de idade.

Foi quando assisti a cena mais horrorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir e violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. (...) A salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar (EVARISTO, 2011, p. 26).

Ainda no estágio de amadurecimento o abuso sexual no contexto familiar constitui uma experiência traumática que afeta, sobretudo, o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, resultando em prejuízos que podem se prolongar até a vida adulta. Infelizmente, milhares de cidadãs brasileiras passam cotidianamente por esse tipo de violência (MINISTÉRIO..., 2022), permanecendo caladas por medo de que seu discurso seja considerado falso ou que a demora por justiça coloque seu corpo a sete palmos do chão. Quando o agressor é o próprio pai, a situação acaba sendo ainda mais prejudicada, visto que, aquele que ontem deveria estar protegendo é o algoz que violenta.

Percebe-se que a partir de dados literários e casos da atualidade brasileira, a mulher continua sofrendo e sendo vítima das relações de gênero. Sendo violentadas, caladas e mortas. Nesse sentido, os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que a cada dez minutos uma mulher foi estuprada em 2021. Foram 56,1 mil casos, incluindo estupro de vulnerável, com pessoas do gênero feminino como vítima (DAMASCENO, 2022).

Não apenas a violência sexual, como a doméstica e o feminicídio estão presentes nas mais diversas obras de autoras femininas. Ainda na obra de Conceição Evaristo, no conto “Aramides Florença” temos a seguinte passagem:

De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado (...) ele me jogou na nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação do meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. (...) Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então. E, inexplicavelmente, esse era o homem. Aquele que eu havia escolhido para ser o meu e com quem eu

havia compartilhado sonhos, desejos, segredos, prazeres... E, mais que isso, havia deixado conceber em mim, um filho. Era esse o homem, que me violentava, que machucava meu corpo e minha pessoa (EVARISTO, 2011 p. 12-13).

Dessa maneira, essas produções servem de ponte para a denúncia e como garantidoras dos direitos fundamentais para essa população ao trazer para seus leitores temas tão pertinentes e de difícil digestão, que tive contato na área pesquisada.

Como viver em um país que não respeita os direitos mínimos? Como pensar em um futuro, se nem mesmo a vida é assegurada? Cadê a dignidade das mulheres? Vide, artigo 5º da Constituição Federal de 1988.

Diante da interseccionalidade entre Direito e Literatura, consegui olhar as diversas mazelas existentes desde muitos séculos e que permanecem no cenário atual. As obras de cunho denunciativo provocam ao leitor uma reflexão sobre as estruturas em que a sociedade foi estratificada. Sendo assim, em especial a obra de “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, trouxe para minha pesquisa um olhar que muitos pesquisadores ainda não tem, que é o olhar para a multidisciplinariedade, ao perceber esse meio como precursor da quebra dos grilhões de desigualdade e opressão de gênero.

Viver em um país como o Brasil que elegeu um governante, que enquanto deputado em 2014 proferiu as seguintes palavras: “Ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece” em entrevista (RAMALHO, 2016), é arrancar de todas nós, mulheres, a perspectiva de mudança. É olhar para a igualdade normativa e perceber que não se aplica no plano concreto. É torcer para não ser merecedora da violência sexual, como dito pelo ilustre atual Presidente da República.

Portanto, continuo com a perspectiva da mudança. Continuo com a esperança de desconstrução dos laços patriarcais, mas não apenas isso! Tenho a perspectiva de que a igualdade, dignidade e desaparecimento dos índices de violência de gênero irão ser efetivados - com a iniciativa de leituras para a conscientização, dar maior visibilidade aos movimentos feministas e de políticas públicas para que todas nós tenhamos segurança de denunciar e de andar pelas ruas. Só assim, não elegeremos o retrocesso e teremos o verdadeiro significado de “ordem e progresso.”

Ser Eva é pensar na mudança e ser transgressora? Então, eu nunca deixei de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

DAMASCENO, Victoria. Brasil teve média de 1 estupro a cada 10 minutos em 2021, diz ONG. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 mar. 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/brasil-teve-media-de-1-estupro-a-cada-10-minutos-em-2021-diz-ong.shtml>. Acesso em: 09 maio 2022.

MINISTÉRIO Público anuncia criação de unidade de enfrentamento à violência doméstica em Pouso Alegre, MG. **G1**, Porto Alegre, 03 mar. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/05/03/ministerio-publico-anuncia-criacao-de-unidade-de-enfrentamento-a-violencia-domestica-em-pouso-alegre-mg.ghtml>.

Acesso em: 03 maio 2022.

RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. **G1**, Brasília, 22 jun. 2016. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 09 maio 2022.

Recebido em 15/05/2022

Aceito em 14/07/2022